

5.5.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

DOIS CINQUENTÕES

DOIS amigos fizeram 50 anos, com poucos dias de diferença.

Um foi Mário Pedrosa, que eu conheci, se bem me lembro, por volta de 1934, quando ele foi baleado na Praça da Sé, em luta com os integralistas. Sem perder o interesse pela política, Mário gasta mais seu tempo hoje em dia, com as coisas de literatura e arte, e é o mais temível teórico de concretos e neoconcretos. Já sugeri até que sua entrada fôsse proibida em exposições de pintura... E alguém se indignou quando eu escrevi que ele é um perversor da juventude, pois desencaminha nossos menores de talento para o abismo frio do concretismo.

Fiel à sua estrutura mental de antigo trotskista, Mário é, na verdade, um desses espíritos críticos rebeldes às evidências comuns, capaz de defender seus pontos-de-vista, quer sejam fruto de capricho pessoal, quer de uma longa elaboração teórica, com uma paixão obstinada e fria. Dono de uma grande cultura e de uma rara sensibilidade, ele faz o milagre, neste mundo e nestes tempos de atropelos e cavações, de só se interessar de verdade pelas coisas de espírito. É um puro e um inteiro; e, ao fim de meio século, creio que não tem mais conserto.

Também se fez meio-secular mestre Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Este, nas lutas intelectuais, dá pouca atenção à tática e à estratégia dos combatentes, e se interessa mais pelas armas e munições, com que lidam. Não digo que não se interesse pelas idéias, mas as palavras e frases são a sua paixão: esta língua que nos maltratamos bárbara e alegremente e que ele cultivava com sabedoria e carinho.

Nunca nenhum tempo precisou mais que o nosso de um gramático esclarecido do tipo Aurélio. Para evitar que a língua se desintegre, vitimada pelo excesso de peias ou pelo excesso de fluidez, usando a sabedoria antiga com espírito moderno. Eu, se fôsse milionário, contrataria esse Mestre para limpar tudo o que escrevi e deixei em livros; se fôsse, bem entendido, um milionário de mau-gosto suficiente para escravizar a tão mesquinha tarefa uma competência tão alta: algo como o chamar Le Corbusier para me projetar um galinheiro no quintal.

FM